

## **ATA DA TERCEIRA REUNIÃO ORDINÁRIA DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS MARÇO - 2026**

### **1) ABERTURA**

Aos vinte e três dias do mês de março de 2026, às 09h00, na sede do Fundo Previdenciário dos Servidores Públicos de Praia Grande, sito à Rua Jaú nº 880, Sala 54, Praia Grande/SP, reuniram-se os membros do Comitê de Investimentos: Cristiano de Mola, Gilmar Augusto Garcia, Ricardo Pereira da Silva, Vania Maria de Carvalho Sanchez e Victor Lopes Schiavetti.

Dando início à reunião, o Presidente do Comitê agradeceu a presença de todos e apresentou a ordem do dia, que compreendeu:

- análise do cenário macroeconômico referente ao mês de fevereiro de 2026;
- apreciação do Relatório Analítico dos Investimentos do mesmo período;
- verificação do enquadramento da carteira à luz da Resolução CMN nº 5.272/2025 e da Política de Investimentos de 2026; e
- considerações finais.

Na sequência, os membros passaram à análise dos itens constantes da pauta.

### **2) ANÁLISE DO CENÁRIO MACROECONÔMICO**

Foram apresentados aos membros do Comitê o Panorama Econômico de fevereiro de 2026, emitido pela Consultoria em Investimentos Crédito e Mercado Gestão de Valores Mobiliários Ltda. Após lido, discutido e aprovado, o relatório passa a integrar a presente Ata, constando, na sequência, a Síntese da Leitura do Panorama Econômico dos períodos analisados. O Comitê tomou ciência do cenário econômico global e doméstico apresentado, registrando que as projeções de política monetária, a dinâmica da curva de juros, o comportamento dos mercados internacionais e os indicadores de atividade impactam diretamente a estratégia de alocação da carteira do FPGPREV, servindo de base técnica para as análises e deliberações subseqüentes.

#### **SÍNTESE DA LEITURA DO PANORAMA ECONÔMICO DOS PERÍODOS ANALISADOS**

O cenário financeiro global, em fevereiro de 2026, vive um verdadeiro cabo de guerra: de um lado, a euforia de uma bolsa brasileira quebrando recordes históricos e um Real que se recusa a recuar; do outro, o calor das chamas geopolíticas no Oriente Médio que fez o petróleo disparar e redesenhou, em poucos dias, o futuro dos juros globais. É um momento de "duas velocidades", onde o sucesso do investidor depende de saber distinguir o ruído passageiro das tendências que vão ditar o ritmo do capital nos próximos meses.

Estamos à beira de uma virada crucial na nossa economia, e o mercado já começou a se posicionar para o que vem a seguir. Com a Selic ainda no topo, mas com a promessa de cortes batendo à porta, o dilema entre a segurança do conservador e a audácia de antecipar a queda dos juros nunca foi tão real. Este panorama não é apenas um resumo de eventos; é um mapa essencial para navegar em águas onde a indústria ainda busca fôlego, enquanto o fluxo estrangeiro mostra uma confiança inesperada no Brasil.

#### **ESTADOS UNIDOS**

##### **CURVA DE JUROS**

O mês de fevereiro de 2026 iniciou com uma tendência de queda nos rendimentos dos títulos do Tesouro americano, motivada por indicadores econômicos mais fracos do que o esperado. O Federal Reserve havia mantido as taxas de juros entre 3,50% e 3,75% em janeiro, mas a perda inesperada de 92 mil postos de trabalho e a alta do desemprego para 4,4%, somadas à queda de 0,2% nas vendas no varejo, levaram o mercado a prever cortes iminentes. Nesse cenário, o Título do Tesouro de 10 anos (T-Bond) caiu de 4,26% para uma mínima de 3,97% em 27 de fevereiro, enquanto a Nota do Tesouro de 2 anos

(T-Note) atingiu 3,38%, sinalizando que os investidores apostavam em até três reduções nas taxas de juros ao longo de 2026.

No entanto, essa trajetória foi bruscamente revertida por um choque geopolítico entre 28 de fevereiro e 2 de março, quando conflitos militares envolvendo os Estados Unidos, Israel e o Irã geraram instabilidade global. A crise paralisou o tráfego no Estreito de Hormuz, por onde passa 1/5 da produção mundial de petróleo, fazendo o barril tipo WTI saltar para 88 dólares e o Brent ultrapassar os 90 dólares. Contrariando o padrão de busca por ativos seguros, os rendimentos dos títulos subiram porque o medo da inflação superou a preocupação com o crescimento; o Título do Tesouro de 10 anos (T-Bond) voltou para o patamar de 4,17% e as expectativas de cortes de juros foram reduzidas para apenas uma intervenção de 25 pontos-base no final do ano.

Apesar da volatilidade, a curva de juros permaneceu positiva, com o spread entre os Título do Tesouro de 10 anos (T-Bond) e Nota do Tesouro de 2 anos (T-Note) variando entre 72 e 60 pontos-base, sugerindo que a economia ainda apresentava resiliência contra uma recessão imediata. Enquanto a Letra do Tesouro de 52 semanas (T-Bill) manteve estabilidade entre 3,45% e 3,50%, o impacto na economia real foi sentido nas taxas de hipoteca de 30 anos, que retornaram ao nível de 6,00%. Ao final do mês, o cenário era de incerteza para o Federal Reserve, que se viu diante do dilema de estimular uma economia em desaceleração ou combater a nova pressão inflacionária vinda dos custos de energia.

#### DOLLAR INDEX (DXY)

O Dollar Index (DXY) funciona como um termômetro da força da moeda americana frente a uma cesta de seis divisas desenvolvidas, sendo o Euro (57,6%) e o Iene Japonês (13,6%) seus componentes de maior peso. Em fevereiro de 2026, o índice buscou uma recuperação gradual após ter registrado a mínima de 5 anos de 95,55 pontos no final de janeiro, período marcado pela "Crise da Groenlândia". Ao longo do mês, o DXY oscilou entre a mínima de 96,49 e a máxima de 99,68 pontos, resultando em uma valorização mensal de aproximadamente 1,39%, embora ainda acumulasse uma queda de 12% em relação aos picos de 110 pontos observados em 2025.

Durante a primeira quinzena, o dólar permaneceu pressionado por dados econômicos decepcionantes que reforçaram as apostas em cortes de juros. A economia americana perdeu inesperadamente 92 mil postos de trabalho, elevando o desemprego para 4,4%, enquanto as vendas no varejo recuaram 0,2% e a inflação ao consumidor (CPI) desacelerou para 2,4% ao ano. Esse cenário fez com que o mercado precificasse 48% de chance de um corte de juros já em julho, com a redução de setembro totalmente garantida. A incerteza sobre a postura de Kevin Warsh, indicado para a presidência do Federal Reserve, também contribuiu para que o índice operasse em um padrão lateral, respeitando o suporte de 96,00 pontos.

O cenário mudou drasticamente no final de semana de 28 de fevereiro, quando o conflito militar entre EUA, Israel e Irã gerou um choque nos preços de energia, levando o petróleo WTI a 88 dólares e o Brent a passar dos 90 dólares. Embora o dólar tenha atraído fluxo como "porto seguro", atingindo picos de 99,68 pontos, sua valorização foi limitada pelo medo de que a energia cara gerasse inflação importada, dificultando a gestão da política monetária. O mês encerrou com o DXY preso em um intervalo de 8 meses entre 96,00 e 100,00 pontos, aguardando definições sobre a escalada no Oriente Médio e os próximos passos do Fed.

#### MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho americano mostrou sinais de moderação no final de 2025. Em dezembro, foram criadas 50 mil vagas, abaixo das expectativas, enquanto a taxa de desemprego manteve-se em 4,4%. A média mensal de geração de empregos caiu de 168 mil em 2024 para apenas 49 mil em 2025, evidenciando desaceleração.

Os ganhos concentraram-se em serviços de alimentação, saúde e assistência social, enquanto o varejo perdeu postos. Os salários cresceram 3,8% em 12 meses, ritmo moderado que ajuda a conter pressões inflacionárias.

Esse cenário reforça a ideia de um "pouso suave" da economia, com o mercado de trabalho equilibrado: nem superaquecido, nem em crise, em linha com os objetivos do Federal Reserve de controlar a inflação sem provocar recessão.

## INFLAÇÃO

Entender a inflação americana em fevereiro de 2026 é como assistir a um cabo de guerra: de um lado, os preços de produtos do dia a dia esfriando; do outro, choques globais puxando a corda de volta. Aqui está o resumo do que rolou:

O CPI (Índice de Preços ao Consumidor) de janeiro de 2026 trouxe um otimismo inicial ao mercado, registrando uma variação mensal de apenas 0,2%. No acumulado de 12 meses, a inflação desacelerou para 2,4%, o menor nível em quase um ano e abaixo da previsão de 2,5%. Esse movimento foi "patrocinado" principalmente pela queda nos preços de energia, que recuaram 0,1% no mês, com a gasolina despencando 7,5%. Até o setor de habitação, que costuma ser bem teimoso, mostrou sinais de cansaço, caindo para 3,0% ao ano. Se olharmos apenas para esses dados, parecia que a meta de 2,0% do Federal Reserve estava logo ali na esquina.

A calma durou pouco. Quando o PCE (Índice de Despesas de Consumo Pessoal) de dezembro foi divulgado, o tom mudou. Como esse é o indicador favorito do Fed, a alta mensal de 0,4% e o acumulado anual de 2,9% ligaram o alerta vermelho. O "núcleo" do PCE, que ignora comida e energia para ver a inflação real, bateu 3,0%, superando os 2,8% do mês anterior. Isso aconteceu porque, apesar de alguns produtos estarem mais baratos, os americanos continuaram gastando — os gastos dos consumidores subiram 0,4% e a renda pessoal cresceu 0,3%. Essa resiliência no consumo dificulta a vida do Banco Central, que precisa que a economia dê uma "esfriada" para a inflação sossegar de vez.

## JUROS

A política monetária dos Estados Unidos atravessou em fevereiro de 2026 um cabo de guerra entre o controle da inflação e a pressão política. O Federal Reserve (Fed) optou por manter a taxa de juros no intervalo de 3,50% a 3,75% ao ano, após a reunião do FOMC nos dias 27 e 28 de janeiro. Essa decisão, antecipada por 97% do mercado, consolidou uma pausa após o ciclo de cortes iniciado em setembro de 2025, que já havia reduzido os juros em 1,75% desde o pico de 2024. No entanto, a paz interna foi quebrada: dos 12 membros votantes, 10 apoiaram a manutenção, enquanto 2 dissidentes pediram um corte adicional de 25 pontos-base, sinalizando que nem todos no "juizado" financeiro concordam sobre o nível de aperto da economia.

A temperatura subiu ainda mais com o embate direto entre o Fed e a Casa Branca. O presidente Donald Trump pressionou publicamente por juros próximos a 1% e chegou a insultar Jerome Powell, cujo mandato termina em maio de 2026. Em meio a batalhas judiciais que testam a independência da instituição nos seus 113 anos de história, o Fed tentou se equilibrar perto da "taxa neutra" (estimada entre 2,5% e 4,0%). Enquanto isso, o mercado observava atentamente nomes como Christopher Waller e Kevin Warsh como possíveis sucessores, tentando adivinhar se o próximo comando será mais rígido ou cederá aos pedidos por crédito barato.

## RENDA VARIÁVEL

O mercado de ações americano viveu um mês de fortes emoções em fevereiro de 2026, após o S&P 500 ter atingido o recorde histórico de 7.002,28 pontos em 28 de janeiro. A euforia inicial, vinda de um ganho de 17,1% em 2025, foi substituída pela cautela quando gigantes como a Alphabet projetaram gastos de até 185 bilhões de dólares em inteligência artificial, gerando temores sobre o retorno real desses investimentos. Na sessão crítica de 5 de fevereiro, o S&P 500 caiu 1,23%, fechando em 6.798,40 pontos, enquanto o Dow Jones despencou 592,58 pontos (1,20%) e o Nasdaq declinou 1,59%. Esse movimento foi agravado por cortes massivos de pessoal, como o da Block, que demitiu 4.000 funcionários, quase metade de sua força de trabalho, devido à automação por IA.

A volatilidade foi alimentada pela inflação persistente e por tensões globais extremas que levaram o índice VIX ("índice do medo") a patamares acima de 20, isso representa que entramos na zona de alerta e que o mercado está nervoso. O clima pesou após o PPI (inflação no atacado) subir 0,5% em janeiro, superando a expectativa de 0,3%, o que reacendeu o medo de juros altos por mais tempo. O golpe final veio entre 28 de fevereiro e 2 de março, com o conflito militar envolvendo EUA, Israel e Irã, que paralisou o Estreito de Hormuz. Como consequência, o petróleo WTI disparou para quase 88 dólares e o Brent

ultrapassou os 90 dólares, forçando os rendimentos dos títulos de 10 anos a voltarem para o nível de 4,00% e os principais índices acionários a encerrarem o mês em território negativo.

Apesar do pânico, setores de defesa e energia surgiram como refúgios, com a Northrop Grumman saltando 6% e a Exxon Mobil ganhando 1,1%. O Bitcoin também atraiu investidores em busca de ativos descentralizados, atingindo 71,399 dólares, embora ainda estivesse 40% abaixo do seu recorde de 126.000 dólares em outubro de 2025. No campo econômico, a criação de 63.000 empregos em fevereiro (superando a previsão de 48.000) trouxe algum alento, contrapondo-se ao crescimento fraco do PIB de apenas 1,4% no final de 2025. Para o fechamento de 2026, analistas de Wall Street ainda projetam um cenário otimista para o S&P 500, com alvos entre 7.500 e 7.800 pontos, desde que a produtividade via IA se transforme em lucro real.

## INDICADORES DE ATIVIDADE AMERICANO

### PIB

O PIB dos EUA no quarto trimestre de 2025 cresceu apenas 1,4% anualizado, um tombo considerável frente aos 4,4% do trimestre anterior e muito abaixo dos 3,0% esperados. O grande vilão foi o shutdown federal de 43 dias (o mais longo da história), que amputou entre 1,5 e 2,0 pontos percentuais do crescimento. Esse fechamento deixou cerca de 800.000 funcionários sem salário e causou prejuízos permanentes entre 7 bilhões e 14 bilhões de dólares. No fechamento de 2025, o crescimento anual foi de 2,2%, consolidando uma tendência de queda após os 2,8% de 2024 e 2,9% de 2023.

A análise interna do PIB mostrou uma divisão clara: o consumo, que representa 68% da economia, desacelerou para 2,4%, evidenciando uma "economia em forma de K", onde os mais ricos gastam em serviços enquanto os 60% mais pobres lutam contra a inflação. O destaque positivo foi o investimento em Inteligência Artificial, com a propriedade intelectual saltando 7,4% e equipamentos subindo 3,2%. No entanto, viveu-se uma "expansão sem empregos": foram criadas apenas 181.000 vagas em todo o ano de 2025, um número ínfimo comparado ao 1,459 milhão de 2024, elevando o desemprego para 4,4%.

### PMI

Os indicadores de atividade econômica dos Estados Unidos em fevereiro de 2026 revelaram uma economia que ainda cresce, mas em um ritmo visivelmente mais cansado. O PMI Manufatureiro da S&P Global caiu para 51,6 pontos, vindo de 52,4 em janeiro, registrando a expansão mais fraca desde julho de 2025. Embora o índice complete sete meses acima da marca de 50 pontos, o divisor de águas entre crescimento e retração, a produção e os novos pedidos perderam fôlego. O cálculo desse termômetro industrial é rigoroso, composto por Novos Pedidos (30%), Produção (25%), Emprego (20%), Entrega de Fornecedores (15%) e Estoques (10%). Um ponto de alívio foi a inflação de custos de insumos, que atingiu o menor nível em 11 meses.

O setor de serviços, que sustenta cerca de 80% do PIB americano, apresentou um comportamento divergente entre as principais instituições de pesquisa. Enquanto o PMI de Serviços do ISM surpreendeu positivamente ao subir para 56,1 pontos (superando a previsão de 53,9), a medição da S&P Global foi mais pessimista, recuando para 51,7 pontos. Essa diferença de percepção reflete metodologias distintas, mas o resultado é o mesmo: o setor terciário continua resiliente, porém moderado. No cenário consolidado, o PMI Composto recuou de 53,0 para 51,9 pontos, sinalizando que a atividade econômica geral está avançando em marcha reduzida, prejudicada pela incerteza política e pelas tarifas comerciais da administração Trump.

## ZONA DO EURO

### INFLAÇÃO

A inflação na Zona do Euro em fevereiro de 2026 mostrou que o bloco finalmente encontrou o seu "ritmo de cruzeiro" após anos de turbulência. O HICP (Índice Harmonizado de Preços ao Consumidor) registrou uma leve aceleração para 1,9%, subindo em relação aos 1,7% de janeiro, mas permanecendo confortavelmente abaixo da meta de 2% do Banco Central Europeu (BCE). Essa dinâmica esconde uma divisão interessante: enquanto os serviços subiram 3,4% (impulsionados por salários mais altos), o setor de energia continua em território de deflação, com queda de -3,2%. Esse alívio energético, somado a um Euro valorizado acima de 1,20 frente ao dólar, ajudou a neutralizar os custos de importação e as pressões da guerra comercial.

Olhando para o "coração" da economia, a inflação núcleo (core), que retira itens voláteis como comida e energia, recuou para 2,2% em janeiro, o menor nível desde outubro de 2021. Esse dado é fundamental porque mostra que a inflação subjacente está perdendo força de forma estrutural. Durante todo o ano de 2025, o bloco conseguiu manter o indicador oscilando entre 1,7% e 2,4%, uma vitória para a gestão macroeconômica do BCE diante de um cenário geopolítico complexo envolvendo o conflito na Ucrânia e tensões tarifárias com os EUA. As expectativas para o futuro seguem ancoradas, com projeções de 1,8% para o fechamento de 2026 e estabilização em 2,0% até 2028.

#### JUROS

O Banco Central Europeu (BCE) optou pela cautela em sua reunião de 6 de fevereiro de 2026, mantendo as taxas de juros inalteradas pela quinta vez consecutiva. A taxa de Facilidade Permanente de Depósito (o principal balizador) permaneceu em 2,0%, enquanto a de Refinanciamento ficou em 2,15% e a de Cedência de Liquidez em 2,4%. Christine Lagarde, presidente da instituição, reforçou que a prioridade é estabilizar a inflação na meta de 2% a médio prazo. Com a economia mostrando resiliência e o desemprego em níveis baixos, o BCE se sente confortável em adotar uma postura "paciente", observando os dados reunião a reunião antes de qualquer novo movimento.

Vários fatores explicam essa decisão de "esperar para ver". Em primeiro lugar, a inflação na Zona do Euro, que estava em 1,7% em janeiro, subiu levemente para 1,9% em fevereiro, mas ainda segue abaixo do teto da meta. O crescimento do PIB para 2026 foi revisado de 1,1% para 1,2%, sinalizando uma recuperação modesta. No câmbio, o Euro atingiu uma máxima de quatro anos, superando os 1,20 em relação ao dólar. Essa valorização da moeda europeia ajuda a segurar a inflação (ao baratear importações), mas acende um alerta para o BCE, já que pode prejudicar as exportações do bloco e forçar novos cortes de juros no futuro para equilibrar a competitividade.

#### INDICADORES DE ATIVIDADE DA ZONA DO EURO

##### PMI

A economia da Zona do Euro deu sinais de fôlego em fevereiro de 2026, com o PMI Composto atingindo 51,9 pontos, superando a expectativa de 51,5 e marcando o maior nível em 3 meses. O grande destaque foi a "ressurreição" da indústria: o PMI de Manufatura saltou de 49,5 para 50,8, rompendo a barreira dos 50 pontos (que separa a retração da expansão) pela primeira vez desde outubro de 2025 e atingindo o patamar mais alto em 44 meses. Esse avanço foi sustentado pela produção industrial, que subiu para 52,1, e pelo retorno da demanda, com novos pedidos chegando a 50,9. Enquanto isso, o setor de serviços seguiu em expansão pelo 14º mês consecutivo, fechando em 51,9.

Este possível "ponto de virada" para o setor industrial europeu foi impulsionado, em grande parte, pelo aumento de gastos públicos em infraestrutura e defesa na Alemanha, onde a indústria voltou a crescer após 3,5 anos. A confiança empresarial também atingiu picos históricos, sendo a maior em 4 anos para a manufatura. No entanto, a recuperação não é uniforme: enquanto países como a Grécia e os Países Baixos avançaram, a França ficou "no muro" com um PMI Composto de 49,9, sinalizando estagnação. Esse cenário mostra que, embora a base para o crescimento tenha melhorado, o bloco ainda avança com cautela devido ao desequilíbrio de desenvolvimento entre as regiões.

A inflação é o principal risco que pode anular os ganhos dessa melhora. Os custos de insumos dispararam para o nível mais alto em 38 meses, puxados por uma alta de 12% a 14% nos preços de energia (petróleo e gás natural) desde o início de janeiro. Para o BCE (Banco Central Europeu), isso cria um dilema: a economia está mais resiliente, mas os preços não param de subir, o que deve manter os juros em 2,0% até o final de 2026. Para o mercado brasileiro, esse cenário é estrategicamente favorável: com a Selic em 15%, o diferencial de 13 pontos percentuais mantém o *carry trade* atrativo, garantindo que o fluxo de capital para o Brasil continue interessante enquanto a Europa lida com seu crescimento caro e desigual.

## CHINA INFLAÇÃO

A inflação na China começou o ano de 2026 em "marcha lenta", registrando uma desaceleração que pegou muitos analistas de surpresa. Em janeiro, o CPI (Índice de Preços ao Consumidor) recuou para apenas 0,2% na comparação anual, um tombo considerável frente aos 0,8% de dezembro e abaixo da expectativa de 0,4%. O grande culpado por esse número tão baixo não foi apenas a economia fria, mas um "efeito calendário": em 2025, o Ano Novo Lunar (época de muitos gastos) caiu em janeiro, enquanto em 2026 ele foi para fevereiro. Sem o impulso das festas, o índice pareceu artificialmente deprimido, enquanto o PPI (Índice de Preços ao Produtor) seguiu em território negativo com uma queda de -1,4%, embora tenha mostrado uma leve melhora impulsionada pela alta global de metais.

Ao olharmos para dentro da "cesta de compras" chinesa, notamos uma queda de braço entre diferentes setores. Os alimentos foram os vilões da deflação, com preços caindo -0,7%, puxados pela carne suína e ovos. No setor de serviços e bens não alimentares, a inflação ficou em 0,4%, com o setor imobiliário ainda sofrendo (habitação em -0,1%) e os transportes despencando -3,4%. Em contrapartida, houve um brilho metálico na indústria: os insumos de metais não ferrosos saltaram 16,1%, sinalizando que os estímulos do governo começam a fazer efeito em nichos específicos da mineração e fundição, onde os preços ex fábrica chegaram a subir 22,7%.

### JUROS

O Banco Popular da China (PBOC) optou pela estabilidade em sua decisão de fevereiro de 2026, mantendo as principais taxas de juros inalteradas pelo nono mês consecutivo. A LPR de 1 ano, que serve de referência para empréstimos a empresas e famílias, permaneceu em 3,0%, enquanto a LPR de 5 anos, fundamental para o setor de hipotecas, seguiu em 3,5%. Essas taxas estão em níveis recordes de baixa desde o último corte de 10 pontos-base realizado em maio de 2025. Embora a China tenha cumprido sua meta de crescimento de cerca de 5% em 2025, com exportações saltando 6,6% em dezembro, o banco central realizou uma retirada líquida de liquidez de CNY (Yuan Chinês) 200 bilhões em fevereiro, sinalizando uma gestão cautelosa do sistema financeiro.

Essa decisão reflete um dilema de política monetária: de um lado, a força das exportações e as margens de lucro apertadas dos bancos desencorajam novos cortes; de outro, a crise imobiliária persistente e o consumo interno fraco pressionam por mais estímulos. Com uma inflação extremamente baixa (CPI de 0,2% e PPI de -1,4%), existe espaço teórico para afrouxamento, mas o PBOC tem preferido focar em ferramentas de curto prazo, como a taxa de recompra reversa de 7 dias, que está em 1,4%. A tendência agora é que o suporte econômico venha de forma direcionada para setores específicos ou através de políticas fiscais, como subsídios, em vez de reduções generalizadas nas taxas de juros.

### INDICADORES DE ATIVIDADE CHINÊS

#### PIB

A economia da China em 2025 seguiu aquele roteiro de "entregar o prometido, mas com um esforço extra". O país cravou um crescimento de 5,0% no ano completo, atingindo exatamente a meta oficial, mas o fôlego diminuiu na reta final: o 4º trimestre registrou expansão de 4,5%, o ritmo mais lento em três anos. Esse resultado foi carregado nas costas pelas exportações, que subiram 6,1%, gerando um superávit comercial recorde, enquanto o setor de serviços liderou o avanço interno com 5,4% (destaque para TI e software com 11,1%). Por outro lado, a indústria cresceu 4,5%, impulsionada pela manufatura de alta tecnologia, que saltou 9,4%.

Apesar do número bonito no fechamento, os "bastidores" revelam rachaduras estruturais. O consumo doméstico continua sendo o calcanhar de Aquiles do Dragão, com as vendas no varejo crescendo apenas 3,7% em 2025, refletindo uma confiança do consumidor em níveis baixíssimos, lembrando que os gastos das famílias representam menos de 40% do PIB chinês. Para piorar, o investimento em ativos fixos caiu 3,8%, arrastado pela crise imobiliária que parece não ter fim. Para tentar estancar a sangria, o governo injetou CNY (Yuan Chinês) 295 bilhões em projetos de construção e planejou mais de CNY (Yuan Chinês) 400 bilhões para infraestrutura, tentando mudar o foco para subsídios e transferências de renda para idosos e crianças.

Para 2026, o clima é de "cautela máxima". O governo chinês estabeleceu uma meta de crescimento entre 4,5% e 5%, a mais baixa em décadas, enquanto a ONU projeta algo em torno de 4,6%. Os riscos são reais: o protecionismo global (especialmente com as ameaças de tarifas de Trump) e a necessidade urgente de reequilibrar a economia para depender menos de obras e mais de compras internas.

#### PMI

Os indicadores de atividade da China em fevereiro de 2026 contaram duas histórias diferentes, deixando os investidores em alerta. De um lado, o PMI oficial (NBS) caiu para 49,0 pontos, sinalizando que a indústria "encolheu" pelo segundo mês seguido e igualando as baixas de 2025. Do outro, o PMI privado (RatingDog/S&P Global) deu um show, disparando para 52,1, o maior nível em mais de cinco anos. O culpado por essa confusão estatística foi o feriado do Ano Novo Lunar, que paralisou fábricas e distorceu os dados, mas a média entre os dois índices (50,5) indica que o motor econômico chinês ainda está girando, atingindo sua melhor fase em cinco meses.

O segredo dessa disparidade está em "quem" as pesquisas ouvem. O governo chinês consulta mais de 3.000 grandes empresas focadas no mercado interno, que sentem mais o peso das paralisações, enquanto a pesquisa privada foca em cerca de 650 fabricantes ágeis e exportadores. Estes últimos estão em plena aceleração: os novos pedidos de exportação tiveram a alta mais forte desde setembro de 2020 e a confiança empresarial atingiu um pico de 11 meses. Mesmo com os custos de produção subindo para o nível mais alto desde junho de 2022, puxados pelo preço dos metais, a indústria exportadora parece estar contornando as barreiras comerciais e diversificando suas vendas para a Europa e América Latina.

#### BRASIL

##### JUROS

O Copom (Comitê de Política Monetária) manteve a taxa Selic em 15% ao ano em sua primeira reunião de 2026, consolidando o Brasil com a maior taxa de juros reais do mundo. Esta foi a quinta manutenção consecutiva no patamar mais alto desde julho de 2006, quando a taxa era de 15,25%. A decisão foi unânime, mas o comitê operou desfalcado devido ao fim dos mandatos de dois diretores em dezembro de 2025. O foco permanece na convergência da inflação, após o IPCA de 2025 ter fechado em 4,26%, dentro do teto da meta de 4,5%, enquanto o IPCA-15 de janeiro de 2026 registrou uma desaceleração para 0,20%.

A justificativa para o rigor monetário reside na instabilidade vinda de fora. O Banco Central alertou que o "ambiente externo ainda se mantém incerto em função da conjuntura e da política econômica nos Estados Unidos, com reflexos nas condições financeiras globais", ressaltando que "tal cenário exige cautela por parte de países emergentes em ambiente marcado por tensão geopolítica". Essa preocupação reflete a volatilidade dos juros americanos (3,50% a 3,75%) e o impacto das tarifas comerciais e conflitos no Oriente Médio, que podem pressionar o câmbio e a inflação brasileira via preços de energia.

Apesar do tom cauteloso, o Copom abriu a porta para mudanças, sinalizando que pode iniciar a flexibilização na reunião de 17 e 18 de março de 2026. O mercado financeiro (Boletim Focus) já projeta que a Selic encerre o ano entre 12,25% e 12,50%, embora o Banco Central preveja um IPCA de 3,5% para o fim de 2026. Para gestores de RPPS e o setor bancário, este cenário mantém a atratividade da renda fixa brasileira frente à Europa (2,0%) e China (3,0%), criando uma oportunidade tática para alongar o prazo dos títulos antes que as taxas comecem a cair de forma consistente.

##### INFLAÇÃO

Em fevereiro de 2026, a inflação brasileira (IPCA) registrou alta de 0,70%, uma aceleração em relação aos 0,33% de janeiro. No entanto, esse movimento não é motivo para pânico: ele é majoritariamente sazonal, impulsionado pelos reajustes de mensalidades escolares (o grupo Educação saltou 5,21%) e aumentos em passagens aéreas e seguros de veículos. O dado mais importante para o longo prazo é o acumulado de 12 meses, que caiu de 4,44% para 3,81%, aproximando-se da meta de 3% e confirmando uma trajetória de queda consistente nos preços.

A análise detalhada mostra que o peso da inflação foi sentido de forma diferente dependendo da renda e da região. O INPC (inflação para famílias de menor renda) subiu menos que o IPCA (0,56%), justamente porque o custo da educação privada pesa menos no orçamento dessas famílias. Enquanto o grupo de Alimentos e Bebidas permaneceu estável e os combustíveis caíram, as capitais sentiram impactos variados: Fortaleza teve a maior alta (0,98%) por reajustes locais em combustíveis e escolas, enquanto Rio Branco teve a menor (0,07%) graças à queda na conta de luz.

## INDICADORES DE ATIVIDADE BRASILEIRO

### PMI

A indústria brasileira começou 2026 ainda tentando encontrar o freio para parar de descer a ladeira. Em fevereiro, o PMI Industrial registrou uma leve melhora, subindo de 47,0 em janeiro para 47,3 pontos, mas como esse indicador está abaixo da marca de 50 pontos, ele completa agora 10 meses consecutivos em território de contração. O setor sofre com a queda acelerada nos novos pedidos e o aumento nos custos de insumos, o que acaba encarecendo o preço final e tirando o poder de competição das fábricas. Com a Selic estacionada em 15%, o crédito caro funciona como uma "âncora" que impede a decolagem da produção no curto prazo.

Por outro lado, vivemos uma economia de "duas velocidades": enquanto as chaminés das fábricas esfriam, o setor de serviços continua aquecido. No final de 2025, o PMI de Serviços saltou para 53,7 pontos, ajudando o PMI Composto a fechar dezembro em 52,1, a primeira expansão do setor privado em 9 meses. Essa resiliência mostra que o setor terciário aguenta melhor o tranco dos juros altos e da incerteza externa, servindo como o principal escudo para o PIB brasileiro, enquanto a indústria apanha da concorrência de produtos importados, especialmente os chineses, e da demanda doméstica ainda tímida.

As fichas para uma virada estão depositadas no segundo semestre de 2026. A esperança dos fabricantes reside no início do ciclo de corte de juros sinalizado pelo Copom para março de 2026 e no impulso extra que a Copa do Mundo realizada no Brasil deve trazer para o consumo. Embora o mercado projete uma Selic ainda elevada de 12,25% a 12,5% para o fim do ano e um crescimento do PIB modesto de 1,8%, gestores de RPPS e do mercado bancário já olham para esse cenário como um possível ponto de inflexão. A estratégia agora é cautela na seleção de crédito industrial e atenção redobrada aos setores beneficiados pelo consumo direto, aguardando o momento em que a indústria voltará a respirar acima dos 50 pontos.

### CÂMBIO

O real brasileiro vestiu a camisa de "destaque global" em fevereiro de 2026, consolidando uma trajetória de valorização que deixou muitos investidores de queixo caído. A cotação do dólar chegou a recuar para R\$ 5,1251 em 25 de fevereiro, atingindo seu menor nível desde maio de 2024. No acumulado do mês, a moeda brasileira se fortaleceu 2,95%, e se olharmos para os últimos 12 meses, a valorização é de impressionantes 11,69%. Esse desempenho é ainda mais impactante quando lembramos que, no final de 2025, a moeda americana operava acima dos R\$ 6,00, acumulando uma queda de aproximadamente 11% desde aquele pico histórico recente.

O segredo por trás dessa força bruta do real é o que o mercado chama de "motor de juros". Com a taxa Selic estacionada em 15% ao ano, o maior patamar desde julho de 2006, o Brasil oferece um juro real de cerca de 10,5% (já descontando a inflação de 4,44%). Esse diferencial massivo frente aos EUA (3,5% - 3,75%) e à Europa (2,0%) atrai uma enxurrada de capital via *carry trade*. Somado a isso, o cenário externo ajudou: o índice DXY (força global do dólar) caiu, o superávit comercial de janeiro bateu US\$ 4,34 bilhões e o Tesouro Nacional captou 4,5 bilhões de dólares em bônus no exterior, inundando o mercado doméstico com a moeda norte-americana.

Para o restante de 2026, o clima é de otimismo vigilante. Embora o Boletim Focus projete o dólar encerrando o ano em R\$ 5,50, muitos analistas veem uma tendência de baixa sustentada pela atratividade dos nossos juros, mesmo com cortes graduais previstos para a Selic (12,25% - 12,50% ao fim do ano).

### BOLSA DE VALORES

O Ibovespa viveu um mês histórico em fevereiro de 2026, atingindo o fechamento de 188.786,98 pontos e acumulando uma alta de 4,09% no mês e 13,64% no ano. O índice quebrou barreiras simbólicas,

alcançando a máxima histórica intradia de 192.623,56 pontos no dia 25 de fevereiro. Somente nos primeiros 2 meses de 2026, foram registrados 15 recordes de fechamento, o que representa quase metade de todo o movimento observado em 2025. Essa valorização significa um salto de mais de 24,3 mil pontos desde o fim do ano passado, quando a bolsa estava em 164.455 pontos, mantendo uma liquidez robusta com volume financeiro médio diário entre R\$ 34 e R\$ 36 bilhões.

A principal força por trás dessa euforia foi a entrada massiva de capital estrangeiro, que somou quase R\$ 41,6 bilhões em 2026 (sendo R\$ 15,3 bilhões apenas em fevereiro). O investidor internacional foi atraído pelo juro real brasileiro de aproximadamente 10,5%, fruto da Selic em 15% contra uma inflação de 4,44%, e pela desvalorização global do dólar. Além disso, o cenário político interno também mexeu com os preços após uma pesquisa no dia 24 de fevereiro mostrar um candidato de oposição numericamente à frente por 0,1pp, o que foi bem recebido por setores pró-mercado. No campo das empresas, as "blue chips" como Vale e Petrobras sustentaram a alta, beneficiadas por picos no petróleo Brent, que chegou a subir 6,7% em um único dia devido a tensões geopolíticas.

Apesar dos recordes, o mercado iniciou março com uma correção técnica de 3,28%, levando o índice para 183.104,87 pontos no dia 3. Para o restante de 2026, as projeções variam entre 195 mil e 196 mil pontos, mas o caminho é cercado de riscos, como as eleições presidenciais de outubro e as tensões fiscais, mesmo após o superávit de R\$ 86,9 bilhões em janeiro. O mercado aguarda agora a reunião do Copom nos dias 17 e 18 de março para confirmar o início dos cortes de juros.

#### RENDA FIXA

Os índices de renda fixa no Brasil em fevereiro de 2026 contam uma história de otimismo com a queda dos juros, mas com os pés no chão. Aqui está o resumo dos destaques:

Os títulos atrelados ao IPCA foram as estrelas do mês. O IMA-B Geral entregou um retorno de 1,79%, mas o verdadeiro destaque foi o IMA-B 5+ (títulos acima de cinco anos), que saltou impressionantes 2,24%. Esse ganho robusto aconteceu por causa da "marcação a mercado": como o mercado espera que o Copom comece a cortar a Selic em 50 pontos-base na reunião de 17-18/mar, os títulos longos se valorizam antecipadamente. Enquanto isso, o IMA-B 5 (títulos mais curtos) teve uma alta mais modesta de 1,22%.

Para quem aposta em taxas fixas, o clima foi de "confia, mas olha o retrovisor". O IRF-M subiu 0,99%. Curiosamente, os títulos de curto prazo (IRF-M 1) renderam 1,02%, superando os de longo prazo (IRF-M 1+), que ficaram em 0,97%. Essa pequena diferença mostra que o investidor ainda tem um pé atrás: com o IPCA de janeiro em 4,44% ao ano, beliscando o teto da meta de 4,5%, ninguém quer arriscar tudo em prazos longos caso a inflação resolva não colaborar com os cortes de juros prometidos por Gabriel Galípolo.

O IMA-S (Tesouro Selic) continuou sendo o porto seguro, rendendo 1,01% no mês, acompanhando a Selic mantida em 15%. Por fim, o IMA-Geral equilibrou a carteira com alta de 1,18%.

#### CONCLUSÃO, PERSPECTIVAS E RECOMENDAÇÕES

Fevereiro de 2026 foi um mês de contrastes brutais que desafiaram até os analistas mais experientes, assemelhando-se a uma montanha-russa onde os carrinhos da frente celebram recordes enquanto os de trás ainda lutam para ganhar impulso. De um lado, vimos a euforia dos terminais financeiros, com um Ibovespa imparável e um Real que se consolidou como uma das moedas mais fortes do mundo; do outro, o calor das tensões geopolíticas no Oriente Médio serviu como um lembrete severo de que choques externos podem redesenhar o futuro dos juros globais em questão de dias. Vivemos a era da "economia de duas velocidades", onde o brilho das bolsas esconde uma indústria que ainda busca fôlego para sair da retração.

Estamos agora diante de um ponto de inflexão que não permite hesitação. Com a Selic estacionada no topo, mas com a promessa de cortes batendo à porta para março, abre-se uma janela de oportunidade rara e passageira: a chance de capturar o rendimento dos juros elevados enquanto se posiciona para a valorização dos ativos que ganharão fôlego com a queda das taxas.

#### PERSPECTIVAS

O ano de 2026 surge no horizonte como o grande palco de uma "dança das cadeiras" global, onde o nome do jogo é a recalibração. Estamos deixando para trás a era do dinheiro apertado para entrar em uma transição delicada: enquanto os gigantes como EUA e Europa caminham na corda bamba entre o suporte ao crescimento e o medo de novos choques de energia, o Brasil segura o "bilhete dourado". Temos juros que atraem o olhar do mundo inteiro, mas a verdadeira magia começa agora em março, com o sinal verde para a queda das taxas. É aquele momento raro em que o mercado financeiro para de apenas "se proteger" e começa a caçar as oportunidades reais de valorização que só aparecem em grandes viradas de ciclo.

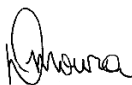
Contudo, não se deixe enganar pelo brilho dos recordes; 2026 exige a visão estratégica. A travessia não será uma linha reta: temos uma China se reinventando, um mundo em alerta geopolítico e o calor de um ano eleitoral em casa que promete testar os nervos. A grande jogada será saber migrar da segurança total para a proteção inteligente, aproveitando o impulso que eventos como a Copa do Mundo trazem para o consumo interno e para o ânimo nacional. Em resumo, 2026 é o ano para ser ágil o suficiente para pegar a curva de alta, mas pé no chão o bastante para não se perder no barulho das notícias. O cenário é de transição, e quem souber ler os sinais antes da multidão terá o melhor assento para a retomada.

#### RECOMENDAÇÃO

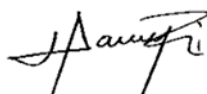
Diante do cenário atual e das perspectivas, recomenda-se que o RPPS adote uma estratégia de investimentos equilibrada, priorizando segurança e liquidez, mas sem deixar de aproveitar oportunidades gradualmente emergentes. De forma prática, a orientação é:

- Manter participação em renda fixa pós-fixada (CDI, GESTÃO LIVRE e IRFM 1), aproveitando o retorno elevado proporcionado pela Selic no curto prazo.
- Manter e avaliar aumento gradual de posições em IPCA+ (IMA B 5), buscando proteção contra inflação e alongamento de duration com cautela.
- Considerar incremento moderado em renda variável, priorizando setores defensivos e ativos com fundamentos sólidos.
- Avaliar exposição internacional como instrumento de diversificação e proteção contra riscos domésticos.
- Reforçar análise de crédito privado (LF, CDB, FIDC), priorizando emissores de alta qualidade e com rating consistente.

A estratégia mais adequada para o momento é de gestão ativa com foco em preservação de capital, mas já incorporando movimentos graduais para capturar ganhos futuros, alinhada à Política de Investimentos e ao perfil previdenciário de longo prazo.



**Diego Lira de Moura**  
Economista  
Consultor de Valores Mobiliários



**Marcelo Silva**  
Contabilista  
Especialista em Investimentos CEA

### 3) ANÁLISE DO RELATÓRIO ANALÍTICO DO MÊS DE FEVEREIRO DE 2026

#### 3.1 – Composição e Resultado da Carteira

A carteira totalizou, no mês de fevereiro, saldo de **R\$1.277.927.567,25**, sendo os recursos distribuídos nos seguintes segmentos:

- Renda Fixa: R\$1.193.540.655,32 – **93,40%**
- Renda Variável, Estruturados e Imobiliários: R\$84.386.911,93 – **6,60%**

A Carteira de Investimentos encerrou o mês de fevereiro com retorno positivo de **R\$14.084.938,64 (1,11%)**, frente à meta atuarial de **1,09%** no período. O Presidente do Comitê esclareceu que a plataforma de relatórios da consultoria Crédito & Mercado passou a exibir os valores de cota negativos referentes ao fundo Geração de Energia FIP, entretanto, tal valor não foi subtraído do saldo total da carteira. Registra-se que deverá ser deduzido o valor de R\$152.468,81 (cota negativa), para correta apuração técnica do saldo consolidado.

### **3.2 – Enquadramento Regulamentar**

Nos termos da Resolução CMN nº 5.272/2025 e da Política de Investimentos de 2026, procedeu-se à verificação dos limites e critérios de alocação da carteira do FPGPREV.

Conforme Relatório Analítico referente ao mês de fevereiro de 2026, constatou-se que as aplicações encontram-se aderentes aos limites estabelecidos na regulamentação vigente.

### **4) AVALIAÇÃO DOS INVESTIMENTOS**

Foram analisadas as performances, objetivos, características, composição das carteiras, rentabilidades, taxas de administração e riscos dos fundos que integram o portfólio do FPGPREV.

Em razão da alta do IPCA, que registrou 0,70% em fevereiro/2026, a meta atuarial do período foi elevada, estabelecendo um patamar mais desafiador a ser perseguido pelos investimentos.

O resultado do mês de fevereiro/2026 foi positivo, com destaque para o segmento de renda variável, que apresentou retornos expressivos no período e contribuiu decisivamente para o atingimento da meta atuarial. O Ibovespa registrou forte valorização, o IDIV (índice de dividendos) teve desempenho relevante e o segmento de small caps também contribuiu positivamente para os resultados do Fundo.

No segmento de renda fixa, o desempenho manteve-se alinhado às expectativas de mercado, com destaque para o IMA-B 5, que superou a meta no período. Os demais índices — IRF-M, IRF-M 1, CDI e IMA-B — apresentaram resultados positivos, chegando muito próximos da meta estabelecida.

O desempenho obtido no período evidencia que a estratégia de alocação de recursos adotada está alinhada às tendências do mercado e, conseqüentemente, compatível com a busca da meta atuarial.

### **5) ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA E PROPOSIÇÕES DE APLICAÇÃO E RESGATE**

O Comitê de Investimentos analisou o fluxo de caixa no período, avaliando as entradas e saídas de recursos, bem como as necessidades operacionais e estratégicas da carteira, de modo a assegurar liquidez adequada, aderência aos limites regulamentares e alinhamento à meta atuarial estabelecida.

#### **5.1 – Destinação das Receitas**

As receitas recebidas pelo FPGPREV serão aplicadas conforme tabela abaixo:

<b>OBJETIVO</b>	<b>FUNDO</b>	<b>CNPJ</b>
Contribuições mensais	BRABESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI	03.256.793/0001-00
Taxa de administração	CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	10.740.670/0001-06
Aportes ou parcelamentos	SANTANDER IMA-B 5 PREMIUM RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA	13.455.117/0001-01
Compensação Previdenciária	SICREDI LIQUIDEZ EMPRESARIAL DI RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	24.634.187/0001-43
Outros créditos	SICREDI LIQUIDEZ EMPRESARIAL DI RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	24.634.187/0001-43

## 5.2 – Pagamento de Despesas

As despesas do FPGPREV serão realizadas conforme tabela abaixo:

OBJETIVO	FUNDO	CNPJ
Folha de pagamento dos inativos e pensionistas	BRADESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI e ou	03.256.793/0001-00
	BRADESCO PREMIUM RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI	03.399.411/0001-90
Despesas administrativas	BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	11.328.882/0001-35
Compensação Previdenciária	SICREDI LIQUIDEZ EMPRESARIAL DI RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	24.634.187/0001-43

## 5.3 – Procedimentos Operacionais

Os valores que retornarem à conta corrente do Banco Bradesco, em razão de ausência de recadastramento, deverão ser transferidos para a conta específica da **Caixa Econômica Federal (agência 0964, conta corrente nº 000574427394-4)**, com possibilidade de aplicação automática.

Na eventual impossibilidade de movimentação pelo sistema da Caixa Econômica Federal, a operação será realizada por meio da conta corrente do Banco Bradesco, mediante resgate do fundo **BRADESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI** e ou **BRADESCO PREMIUM RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI**, devendo o valor ser posteriormente recomposto em um dos Fundos que recebam os recursos previdenciários.

Considerando a alocação dos recursos das contribuições previdenciárias no Banco Bradesco, atualmente por meio dos fundos **BRADESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI** e **BRADESCO PREMIUM RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI**, destinados ao recebimento das contribuições e ao pagamento da folha de aposentados e pensionistas;

Na hipótese de dificuldade operacional, poderão ser utilizados, alternativamente, recursos do fundo **CAIXA BRASIL IRF-M TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP, CNPJ: 14.508.605/0001-00**, de modo a assegurar a regularidade dos pagamentos.

O Comitê de Investimentos sugere, ainda, a aplicação automática no fundo **CAIXA BRASIL DISPONIBILIDADES RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA SIMPLES** - CNPJ: 14.508.643/0001-55 dos recursos que, em razão de limitações operacionais ou de horários bancários, não possam ser tempestivamente aplicados nos fundos definidos nesta Ata, podendo ser mantido saldo mínimo necessário para preservação da operacionalidade do referido fundo.

## 5.4 – Movimentações Estruturais

Considerando o cenário doméstico e global atual, observa-se mudança de posicionamento quanto à velocidade de queda da taxa Selic, diante da possibilidade de manutenção do IPCA em patamar elevado ou desaceleração abaixo do esperado, bem como o baixo desempenho do IRF-M no mês de fevereiro, influenciado pela realização de investidores e pela perspectiva de redução mais lenta da taxa básica de juros;

### I – Movimentação para fins operacionais

O Comitê de Investimentos sugere o resgate do montante de **R\$ 2.000.000,00** do fundo **CAIXA BRASIL IRF-M TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP**, com aplicação no fundo **BRADESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI**.

A medida tem por objetivo manter saldo mínimo operacional no referido fundo, destinado à execução da folha de pagamento dos aposentados e pensionistas, evitando resgates integrais recorrentes e assegurando maior previsibilidade e regularidade na cobertura das despesas previdenciárias.

## II – Movimentação estratégica (condicionada à análise)

Para o montante remanescente de **R\$ 98.000.000,00**, o Comitê de Investimentos sugere o resgate parcial do mesmo fundo de origem, com direcionamento para os fundos abaixo relacionados:

FUNDO DE INVESTIMENTO	CNPJ	VALOR DE APLICAÇÃO
ITAÚ INSTITUCIONAL IRF-M 1 RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	08.703.063/0001-16	R\$48.000.000,00
ITAÚ IDKA 2 IPCA RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA	32.922.086/0001-04	R\$48.000.000,00
SICREDI LIQUIDEZ EMPRESARIAL DI RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	24.634.187/0001-43	R\$2.000.000,00

As aplicações ficam condicionadas à prévia análise positiva da consultoria de investimentos, não sendo efetivadas na hipótese de recomendação contrária. As alocações propostas visam à diversificação da carteira, atualmente concentrada em IRF-M, com direcionamento para estratégias de menor volatilidade, como IRF-M 1 e ativos atrelados ao CDI, bem como à proteção da carteira frente à manutenção do IPCA em patamar elevado no curto prazo, por meio de exposição ao índice IDKA 2 PÓS-FIXADO.

## 6) CONSIDERAÇÕES FINAIS

- a) Os membros do Comitê de Investimentos participaram, desde a última reunião ordinária, dos seguintes eventos:
- Reunião presencial com representantes da Sicredi, em 03/03/2026;
  - Reunião presencial com representantes do Safra, em 06/03/2026;
  - Reunião presencial com representantes do Instituto de Previdência de São Vicente, em 19/03/2026.
- b) Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião às 13h00. Eu, Victor Lopes Schiavetti, que secretariei os trabalhos, lavrei a presente Ata, que, após lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros presentes.

VICTOR LOPES SCHIAVETTI  
PRESIDENTE

CRISTIANO DE MOLA  
MEMBRO TITULAR

GILMAR AUGUSTO GARCIA  
MEMBRO TITULAR

RICARDO PEREIRA DA SILVA  
MEMBRO TITULAR

VANIA MARIA DE CARVALHO SANCHEZ  
MEMBRO TITULAR